

Tribuna da Luta Operária

ANO II, Nº 37, DE 18 A 31 DE ABRIL DE 1981

PREÇO DE VENDA EM BANCAS — CR\$ 20,00

Desemprego e cortes nos salários

FERA CAPITALISTA DEMITE PARA LUCRAR!

Estes lavradores foram presos e torturados pela Polícia Federal

Trama em Conceição do Araguaia para impedir que o Sindicato caia nas mãos dos lavradores. Revelado que o presidente atual não passa de um grileiro. A campanha eleitoral e as prisões na pág. 8



Raimundo, José e Edson passaram três dias na prisão

Para os patrões o lucro é sagrado mas a vida do trabalhador não vale nada. Só em São Paulo o número de desempregados sobe na base de 500 por dia. É a crise de um sistema que já cheira mal de tão podre. O capital quer jogá-la sobre os explorados e passar o facão nos salários, como na proposta da Volks. Quem semeia desemprego, porém, colhe luta operária. Leia na pág. 3

MCC promove
**Passeata contra
aumento do leite**

Página 2



A retirada dos ossos de Danielli do Cemitério de Perus

Homenagem a Danielli, operário e comunista que ditadura assassinou

O traslado dos restos mortais de Carlos Danielli. Pág. 3

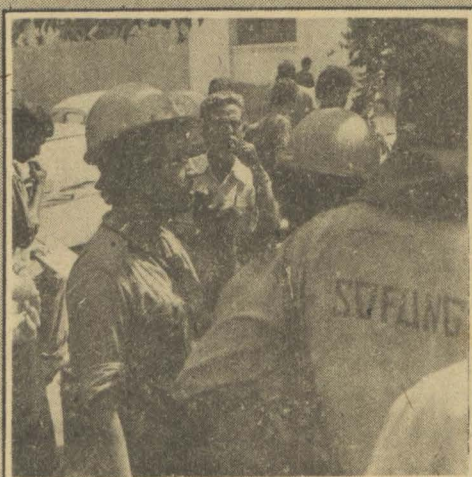
fala o POVO

Pgs. 6 e 7

A história de um trabalhador que foi obrigado a roubar e não quer voltar a fazê-lo. E mais: um operário da FIAT do Rio de Janeiro conta como a exploração piorou na firma.

Exploração na fábrica forja consciência dos operários

Reportagem na porta da metalúrgica Sofunge descobre os truques da multinacional. Na página 4



Metalúrgicos de São Paulo

LANÇADA A CHAPA 3

Agora a União Metalúrgica parte para estar dentro de todas as fábricas, lutando pela união e o fortalecimento do Sindicato. Leia na página 8.

Editorial

Os generais e o terror

Protegidos pela impunidade, os terroristas continuam praticando seus crimes. Explodiram bombas no jornal Tribuna da Imprensa, na gráfica de Dimas Perrin e na casa do deputado Marcelo Cerqueira.

O general Figueiredo diz que é contra o terror, mas que para isso precisa do apoio de todos, senão haverá um retrocesso. Na verdade, usa a ameaça para intimidar os vacilantes e impor seus projetos.

Outros generais, que ficaram histéricos quando foi denunciada a casa de torturas usada pelo Exército em Petrópolis, saem em campo agora para minimizar os atentados terroristas. O brigadeiro Délio Jardim por exemplo, disse que os atentados não têm importância, que só tiveram uma vítima como consequência. O Sr José Ribamar, mutilado, foi ignorado.

Quantas vítimas serão necessárias para que as Forças Armadas julguem o fato importante? Na Alemanha nazista foram milhões.

* Mas o brigadeiro revelou que sua real intensão é fazer aprovar uma lei chamada de anti-terror. Uma lei para permitir que os órgãos policiais e militares prendam indiscriminadamente e mantenham isolados os prisioneiros. Segundo o brigadeiro Délio Jardim, ao sentir-se só, o prisioneiro "confessa com mais facilidade". Ou seja, é uma espécie de ato 5 novamente, para permitir prender, torturar, assassinar e apresentar as "confissões assinadas".

Desta forma, longe de combater o terrorismo, os generais procuram aproveitar-se dos atentados para

voltarem-se contra os democratas e contra os revolucionários. Incapazes de resolver a crise do país, querem dar continuidade ao regime militar investindo contra o povo.

O ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seabra Fagundes, já mostrou, com muito acerto, que as autoridades evitam por todos os meios as investigações que envolvem os órgãos de repressão. O próprio brigadeiro Délio defende ardorosamente os DOI-CODI. Mas os que querem dar um basta ao terror sabem que uma investigação de fato só será possível com o desmantelamento destes aparatos, sabidamente comprometidos com torturas, assassinatos e com os atuais atentados. Contornar este problema é compactuar com o arbítrio.

Até mesmo o deputado Marcelo Cerqueira, vítima de uma das bombas, ilude-se, acreditando que o general Figueiredo pretende combater o terrorismo. E o dirigente do PCB, Giocondo Dias, vai mais longe ainda, apoia o regime militar, pedindo que as Forças Armadas saiam em campo para reprimir o terrorismo!

* O povo brasileiro precisa de liberdade, para tomar em suas mãos os destinos do país. Para acabar com as leis fascistas, liquidar o regime militar e elaborar leis democráticas. Quer enterrar definitivamente os atos e leis fascistas. Luta para construir um governo representativo das forças democráticas e do povo unido e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



O povo vai às ruas de São Paulo protestar contra o aumento do leite

CAMPANHA PELO CONGELAMENTO DO LEITE

Comida vai virar luxo

Em menos de um ano o leite, produto essencial para a alimentação, sofreu seu terceiro aumento de preço. Em maio do ano passado o litro de leite "especial" custava 19 cruzeiros. Esta semana aumentou para 36 cruzeiros e em junho deverá estar a Cr\$ 43,00 o litro.

O Movimento Contra a Carestia, juntamente com a Unidade Sindical, a UNE e as Sociedades Amigos de Bairro promoveram dia 14, na Praça da Sé, em São Paulo, um ato de protesto exigindo o congelamento do preço do leite. Cerca de duas mil pessoas estiveram presentes, havendo também uma passeata até o Parque Dom Pedro. Falaram representantes do Movimento Contra a Carestia, da Coordenação das SABs, o deputado Aurélio Peres, um dos fundadores do MCC, além de outras pessoas.

LUTA ANTIGA

Este foi o ponto inicial para o lançamento a nível nacional da campanha pelo congelamento dos preços. São pedidos o congelamento dos preços do arroz, feijão, carne, óleo, café, açúcar, pão, leite, ovos e farinha, além de transportes, taxas de luz, água e gás, remédios básicos e dos alugueis.

Muitos afirmam ser impossível conseguir o congelamento. Mas a história já mostrou que por diversas vezes a classe operária e movimentos populares se mobilizaram e conseguiram o congelamento ou subsídios aos alimentos. O maior movimento ocorreu no dia 2 de setembro de 1954, quando houve uma greve geral em São Paulo contra a carestia. O comando de greve pedia aumento do salário mínimo e congelamento dos preços de uma série de produtos essenciais. Participaram cerca de 1 milhão de trabalhadores.

Hoje a situação de carestia do trabalhador está cada vez pior. Em 1959, para comprar produtos necessários à sua alimentação o operário necessitava trabalhar 65 horas e 5 minutos; em 1969, 110 horas e 23 minutos e em 1979, 137 horas e 37 minutos. Para um trabalhador que ganha salário mínimo, poderia comprar apenas 7,9 litros de leite por ano, o que dá menos de um xicara de cafezinho por dia. A ONU recomenda 146 litros por ano.

Apesar do baixo consumo, muitas vezes temos notícias de quantidades enormes de leite jogadas fora. Um exemplo: em janeiro deste ano, no oeste do Paraná, 20 mil litros de leite eram jogados fora por

falta de comercialização. Este desperdício sempre houve no capitalismo e continuará existindo enquanto houver propriedade privada dos meios de produção. Isto porque a produção capitalista não visa as necessidades da população. Os empresários produzem visando somente o lucro.

LUCROS COM MULTIS

Enquanto o consumidor protesta com razão pelo alto preço do leite, os pequenos e médios produtores leiteiros dirigem suas críticas contra as multinacionais. Estes monopólios compram o leite do produtor a preços baixos — desestimulando o aumento da produção. E vendem aos consumidores, por preços elevados a fim de obter superlucros. E ainda controlam os preços das rações e das máquinas agrícolas, prejudicando outra vez os produtores.

O povo indaga revoltado porque o governo não deixa de gastar milhões para socorrer os grandes capitalistas em dificuldades financeiras e usa este dinheiro para subsidiar os produtos de maior necessidade. Isto estimularia a produção e aumentaria o consumo, devido aos preços mais baixos.

MOVIMENTO DE DEFESA DA AMAZÔNIA

Luta pela preservação e defesa da Amazônia

Foi realizado em São Paulo nos dias 4 e 5 de abril, no Sindicato dos Motoristas, um Encontro Nacional dos Movimentos de Defesa da Amazônia. Estiveram presentes oito estados, com representantes de 10 movimentos. Foi realizada uma discussão sobre a atual conjuntura do país e como os MDAs e CDAs (Comitês de Defesa da Amazônia) se posicionariam frente à atual crise econômica.

Reafirmou-se a necessidade de avançar ainda mais na organização e na luta em defesa da Amazônia dentro dos MDAs e CDAs. Este trabalho — foi ressaltado — deve estar cada vez mais vinculado aos movimentos sindicais e populares.

Foi tirado um posicionamento radicalmente contrário à crescente

ENTREVISTA COM ALDO REBELO

“Greve geral fortaleceu UNE”

Entrevistado pela Tribuna Operária, Aldo Rebelo, presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) faz uma avaliação da greve geral dos estudantes, nos dias 8 e 9 de abril.

P — Qual o saldo da “greve de advertência” de dois dias realizada pelos estudantes?

R — Pelo próprio nome, a “greve de advertência” demonstra, por um lado a boa vontade e a paciência dos estudantes, e por outro a firmeza e a disposição para a luta, inclusive com a utilização da greve geral caso o MEC mantenha sua intransigência e não atenda nossas reivindicações. A greve geral de “advertência” com as manifestações de rua denunciou também para a comunidade a política criminosa do governo para a educação ao tempo em que mostrou um movimento estudantil com capacidade de mobilizar milhares de estudantes em menos de 48 horas, paralisando quase todas as universidades do país sob a direção da União Nacional dos Estudantes.

P — Então, os estudantes saíram vitoriosos?

R — Sem dúvida nenhuma. O processo de discussão da pauta de reivindicações e da proposta de greve geral mobilizou milhares de estudantes, revitalizando e revigorando o movimento estudantil, preparando-o para os duros embates contra a política educacional do governo. A União Nacional dos Estudantes também fortaleceu-se bastante na medida em que foi a entidade que dirigiu este processo rico e movimentado, levando o debate a milhares de estudantes e se consolidando entre eles. A diretoria da UNE como maior responsável pela

orientação que desencadeou todo esse movimento também saiu bastante fortalecida, fechando o espaço para propostas divisionistas alimentadas pelo MEC e por aqueles que pensam substituir a tarefa da UNE de dirigir a luta dos estudantes pela de administrar a crise do MEC e do regime.

P — O povo também ganhou com esta luta?

R — Afirmando que só o Ministério da Educação e Cultura e o regime do general Figueiredo isolaram-se com nosso movimento, além do que a advertência serviu também para os que duvidam da vontade de lutar dos estudantes brasileiros. Avalio, portanto, que além dos estudantes o povo brasileiro, também interessado nessa luta, ganha força com a luta estudantil.

P — Como a diretoria da UNE vê a proposta de transformação das Universidades públicas em Fundações?

R — Como mais uma tentativa de liquidar com o que resta de ensino público e gratuito no Brasil e, agora, como forma de levar até a Universidade a política de recessão



Aldo Rebelo fala aos estudantes na manifestação do Largo S. Francisco, em São Paulo, dia 9.



I ENCONTRO DA MULHER ALAGOANA

Mulheres se organizam na defesa dos direitos

No dia 29 de março realizou-se em Maceió o I Encontro da Mulher Alagoana. Cerca de 200 mulheres, entre donas-de-casa, bancárias, empregadas domésticas, estudantes, professoras, lavadeiras, operárias e profissionais liberais, estiveram reunidas, dando à iniciativa um caráter bastante representativo.

Durante o I Encontro da Mulher Alagoana foram debatidos os problemas gerais e específicos da mulher. Debateu-se desde o custo de vida, as péssimas condições de trabalho, até a falta de liberdade política, o salário desigual para a mulher, os problemas da mulher gestante.

Foi discutida a importância da maior participação da mulher nas entidades representativas gerais, como sindicatos e associações de

bairros. Aprovou-se também a criação de uma entidade específica que congregue a mulher alagoana, escolhendo-se para isso uma Comissão pró-União das Mulheres Alagoanas.

Do ponto de vista geral, aprovou-se como bandeiras também da mulher, a luta pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana e a luta pelas liberdades democráticas. O espírito do encontro se refletia num verso de cordel distribuído na convocatória: “As nossas bravas mulheres / podem ser elogiadas / são mulheres decididas / que já estão preparadas / e lutam pra concentrar / a fim de conscientizar / as mais diversas camadas”.

(Da Sucursal)

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.
Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501 — Bela Vista — São Paulo, Capital — Tel.: 36-7531 — CEP 01325.
Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 — Lapa — CEP 20241.
Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 — Cidade Industrial — Contagem — CEP 30000.
Bahia: R. Padre Vieira, 5 — s/37 — Salvador — CEP 40000.

Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42, 7º andar, s/ 707 — Boa Vista — Recife — CEP 50000.
Rio Grande do Sul: R. General Câmara, 52, s/29 — Centro — Porto Alegre — CEP 90000.
Ceará: R. do Rosário, 313, s/206 — Fortaleza — CEP 70000.
Espírito Santo: Av. Jerônimo Monteiro, 352 s/ 5 — Vitória — CEP 29000.
Alagoas: R. Fernandes de Barros, 43, s/05 — Maceió — CEP 57000.
Goiás: Av. Goiás, 808, s/2005 — Centro — Goiânia — CEP 74000.
Paraná: R. Barão do Rio Branco, 41, s/809-A — Curitiba — CEP 80000.
A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorúes, Rua Gastão da Cunha, 49, Fone: 531-8900 — SP.

Princípios

Revista teórica, política e de informação Março/81 - Cr\$ 150,00

Teórico Marxista ou Dileitante Liberal-Burguês? Transformações Operadas na Sociedade Brasileira • Documentos Históricos: Carta de Stálin a Tito • Somente o Caminho Revolucionário Poderá Trazer a Vitória à Classe Operária Polonesa • Glória Eterna à Comunidade de Paris! • As Contradições, as Classes e a Luta de Classes no Socialismo • A África se Levanta e Luta • Acerca da Atual Situação Política da Espanha • O Novo Livro de Enver Hoxha — Mais Um Golpe Demolidor no Revisionismo Contemporâneo



EDITORA ANITA GARIBALDI

Assinatura: 4 números Cr\$ 600,00

Nome:

Endereço:

Bairro:

Estado:

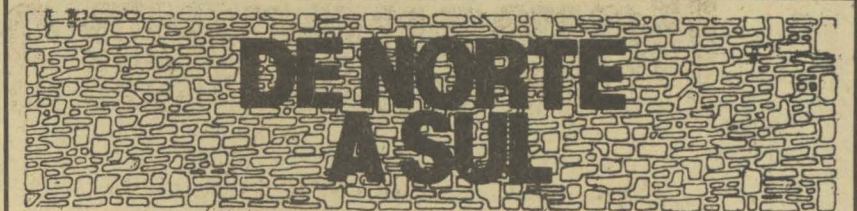
Cidade:

CEP:

Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, 44 - sala 206, SP - CEP 01033.

Agora você tem uma revista teórica de propagação do socialismo científico no Brasil. Sem teoria a prática é cega. Não deixe de ler Princípios



Polo da Miséria

Camaçari, BA — É uma cidade eminentemente operária, onde se localiza o Pólo Petroquímico, conhecido como “Pólo da Miséria”. É a cidade que mais fatura em todo o nordeste, mas o povo vive ao Deus dará. A população não vota para escolher o prefeito, pois é “área de segurança nacional”. A cidade vive abandonada. Falta água em quase todos os bairros, não existe rede de esgotos, o sistema de ensino é precário e o atendimento médico também. O transporte urbano é irregular e os ônibus são imundos. O povo no entanto não se cala e luta constantemente. É daí que vão surgindo os líderes vindos do seio do povo e temperados na luta. (Da Sucursal)

Fábrica fechada

Cabo, PE — A fábrica de artefatos de borracha Filex do Nordeste S/A, localizada no decadente pólo industrial do Cabo, acaba de cerrar suas portas. Com a falência da empresa, cerca de 300 operários foram demitidos sem ao menos receberem suas indenizações. Desse total, uma parcela de aproximadamente 50 operários moveu ação na Justiça do Trabalho. Até o momento não tiveram solução satisfatória para o caso.

(Do correspondente)

“União Popular”

Caxias do Sul, RS — Dia 26 de abril, 8 mil eleitores votaram para a nova diretoria da União das Associações de Bairro (UAB). Concorrendo com mais duas chapas, a “União Popular” é uma chapa que se propõe a dar uma nova orientação à luta popular em Caxias. Seus membros mostram-se dispostos a estar à frente das várias lutas desenvolvidas pelos moradores dos bairros, por melhores condições de vida e contra o governo de fome e de repressão. (Da Sucursal)

Ditadura do reitor

São Luis, MA — Dando continuidade à sua campanha de perseguição à comunidade universitária, o reitor José Maria Cabral Marques da Universidade Federal do Maranhão demitiu o funcionário José Maria Medeiros, que também é acadêmico de Direito e uma das lideranças estudantis mais respeitadas no estado. No início do ano passado o reitor ameaçou demitir José Maria, mas recuou diante da mobilização estudantil. Mas agora, aproveitando as férias universitárias, demitiu-o sumariamente.

(Da Sucursal)

Apoio ao presidente

São Paulo, SP — Dia 5 de abril a Sociedade Amigos das Adjacências da Estrada de Itapeperica reuniu mais de 100 moradores, a maioria mulheres, a fim de exigir do governador Paulo Maluf o cumprimento das promessas feitas durante seu governo itinerante. Mas os moradores aproveitaram também para prestar solidariedade ao presidente da Sociedade, João Sebastião Ferreira. Em seu discurso o presidente, que é metalúrgico, pediu apoio à chapa 3 “União Metalúrgica”.

Saúde no bairro

Fortaleza, CE — Com a presença de 10 bairros, a Comissão de Saúde Popular do Ceará organizou junto com representantes do Bairro Conjunto Palmeiras, o seu 2º Encontro Municipal de Saúde. Cerca de 90 pessoas estavam presentes e debateram os problemas ligados ao tema. Para a maioria dos moradores falta água e são obrigados a comprá-la por 15 a 20 cruzeiros a lata. Ficou decidido que o próximo encontro de bairros será dia 21 de abril, na Água Fria. (Da Sucursal)

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e pelo socialismo.

ASSINATURA DE APOIO (25 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade:

Estado: CEP: Fone:

Estou enviando um cheque de Cr\$ 1.000,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta nº 03154 - São Paulo - Capital.

Judepro em ação

Cambé, PR — O núcleo regional da Judepro (Juventude Democrática e Progressista) de Londrina e Cambé promoveu dia 8 de março o 1º Encontro da Juventude. Na presença de várias entidades democráticas e num ambiente de muita cordialidade, os jovens participantes discutiram os problemas que afetam a juventude atualmente.

(Do correspondente)

A GUERRILHA
REDESCOBERTA

O lado militar do Araguaia

No meu entendimento pessoal, foi talvez no campo militar que a Guerrilha do Araguaia teve suas maiores dificuldades.

Do ponto de vista geral, a tática foi justa. Os guerrilheiros adotaram o princípio deste tipo de guerra, que é fugir constantemente do confronto direto com as tropas inimigas, evitando perder forças.

Contudo, a repressão policial-militar pegou a Guerrilha praticamente desarmada, apenas com revólveres, rifles de repetição, alguns fuzis da II Guerra e pouquíssimas metralhadoras, já capturadas em plena guerra. A guerrilha não tinha poder de fogo. E por isso, nos combates que houve, mesmo em condições favoráveis, os guerrilheiros dificilmente saíram ilesos. Outros recursos da guerra de guerrilha, como bombas e armadilhas, quase não foram utilizados.

SEM MEDO DE MORRER

Os combatentes da mata usaram, com certo êxito, a pressão psicológica para abalar o moral das tropas inimigas. Nesse sentido, contam-se incríveis histórias. Como o envio de bilhetes para soldados e oficiais, predizendo-lhes a morte. E o grito, nas noites profundas das matas, de nomes de elementos da repressão.

Isso causava forte abalo no moral das forças governamentais.

Porém ofensivamente a Guerrilha ousou muito pouco. Apenas algumas seções de fustigamento e o ataque a um posto policial da Transamazônica. Segundo Angelo Arroyo, um dos dirigentes guerrilheiros, "nosso pessoal estava mais preparado para morrer que para matar".

EQUÍVOCO FATAL

No emprego do dispositivo guerrilheiro, entretanto, é que os combatentes do Araguaia mais sofreram. No início havia três destacamentos, cada qual composto de três grupos de sete guerrilheiros. Nas duas primeiras campanhas, os destacamentos agiram cada qual, fundamentalmente, dentro de suas próprias áreas. Houve apenas um deslocamento, do destacamento dos Caianos. Ainda no decorrer dessas duas primeiras campanhas, os grupos foram reduzidos de sete para cinco guerrilheiros.

Mas na terceira campanha, sob o argumento de que era necessário ter toda a força à mão, para aumentar seu poder de fogo, os destacamentos se concentraram numa pequena área, entre a Faveira e a Gameleira. Ai foram cercados, com a maioria dos seus integrantes sendo presos e em seguida assassinados.

A verdade sobre o desemprego

A bomba estourou no domingo, 5 de abril, durante as horas extras. Há muito tempo cada um dos 5.400 operários da Brastemp, em São Bernardo, fazia em média umas 11 horas extras por semana. A firma só queria saber de mais produção. E o estoque crescendo.

Até que naquele domingo, às 22 horas, começaram as demissões (o departamento de pessoal fez plantão). Mais de mil operários foram para o olho da rua. A multinacional americana das geladeiras achou mais lucrativo jogar aqueles brasileiros no desemprego. Mas não sem antes explorá-los até o baço, roubar-lhes o repouso e os fins-de-semana.

COLAPSO NAS VENDAS

Os motivos da Brastemp para demitir são os mesmos da Volkswagen, da Braseixos, da Vicunha, da Cosipa, da Fiat, etc.: queda nas vendas. Entre janeiro e março deste ano, vendeu-se 15% menos eletrodomésticos que em igual período de 1980. No ramo de automóveis, a queda foi de 45%. No de tratores, 54%. Até a venda de alimentos calu 10%!

É uma típica crise de superprodução relativa, que açoitou o Brasil como todo o mundo capitalista. Relativa porque o povo continua carecendo até do essencial. Mas superprodução, porque as mercadorias não têm saída, não há quem as compre. Os estoques entulham os depósitos. Os capitalistas baixam a produção. E passam o facão nas folhas de pagamento, apelando para as demissões. Só na Grande São Paulo o número de desempregados aumentou em 73 mil entre outubro e março passados!

IRONIA MACABRA

Resultado: o metalúrgico demitido da Brastemp terá que devolver à firma a geladeira ou máquina de lavar roupa que comprou, pois não tem como pagar as prestações... porque produziu "demasiadas" geladeiras e máquinas de lavar! O operário demitido da Volks, às vezes passando fome depois de três meses parado, vai procurar trabalho a pé... porque produziu "demasiados" automóveis!

Os operários querem saber a verdade sobre o desemprego. Doa a quem doer. E a verdade, nua e crua, é que só na Grande São Paulo o desemprego faz 540 novas vítimas todo dia. É a crise do capitalismo, um sistema podre, incapaz de resolver as suas próprias contradições.



A fila dos parados na porta da Mercedes, S. Bernardo, começa desde a véspera

A crise põe a nu toda a podridão malcheirosa do capitalismo, um sistema incapaz de resolver suas contradições, condenado pela história, que marcha para a cova mas deixa sempre um rastro de desgraças.

REMATADOS MENTIROSO

Por isso o governo tenta esconder a crise dos trabalhadores. O banqueiro Murilo Macedo, ministro do Trabalho, diz que há apenas "crises setoriais", que "existe muito emprego procurando gente", que está faltando só "uma acomodação". E alguns líderes sindicais, às vezes até bem-intencionados, ter-

minam caindo na armadilha, achando que "a crise foi forjada pelos empresários".

Não é verdade. A crise é real, e das piores. Todo trabalhador consciente está no dever de denunciá-la, com suas causas e consequências, sem vacilação. Só assim, pegando o pão na unha, será possível avançar na luta pelo direito ao trabalho, pela jornada semanal de 40 horas sem redução do salário, pela estabilidade e por um auxílio-desemprego tirado do bolso dos patrões.

Foi esta a resposta dos grevistas da Fiat italiana, que no ano passado impediram 14 mil demissões. E

dos mineiros ingleses, que barraram as dispensas este ano parando e ameaçando uma greve geral.

MAL CRÔNICO DO CAPITAL

Esta é uma lição que vem de longe, pois há quase dois séculos o capitalismo padece do mal das crises. Os patrões, famintos de lucro, querem aumentar sempre mais a produção. Criam indústrias enormes. Mas a apropriação da riqueza produzida coletivamente é privada, a grande massa do povo nada tem. E a disciplina de ferro em cada empresa contrasta com a anarquia do sistema econômico como um todo.

Resultado: periodicamente, o aumento da produção esbarra no magro poder aquisitivo do povo e a anarquia transforma-se em caos. Por isso, enquanto houver capitalismo haverá crises. E os trabalhadores terão que lutar para não ter que pagar a conta.

A CHANTAGEM PATRONAL

O fato é que os capitalistas estrangeiros e nacionais querem descarregar todo o fardo da crise em cima do trabalhador. Fazem chantagem com o desemprego, espalham confusão e insegurança nas fábricas, tentam conter o avanço do movimento operário pelo medo.

É o caso da proposta infame de redução dos salários, que procura se impor. Só uma multinacional nazista como a Volkswagen para propor uma coisa assim, um corte de 17 a 23% nos salários. Uma verdadeira afronta aos trabalhadores, que nenhuma direção sindical pode aceitar sem sentir um peso na consciência.

CONTRADIÇÕES AGRAVADAS

Mas há outra coisa que deve estar preocupando os patrões. É que a crise vale por um atestado de incapacidade do capitalismo. Ensinam milhões de proletários que é indispensável substituir este sistema. E que os que semearam os ventos do ócio forçado, da miséria e do desespero terminarão colhendo, mais dia, menos dia, a tempestade da revolução social.

(Bernardo Joffily)

Homenagem a Carlos Danielli

Operários, camponeses e militantes do PC do Brasil exaltam o exemplo do revolucionário

Os restos mortais do metalúrgico e dirigente do PC do Brasil, Carlos Nicolau Danielli, assassinado pelas forças armadas em 1972, foram sepultados dia 11 no cemitério do Maruí, em Niterói. Danielli foi brutalmente torturado pelo DOI-CODI do IIº Exército, em S. Paulo, e morto no dia 30 de dezembro de 1972, sendo enterrado como indigente no cemitério de Perus, na tentativa de ocultar à opinião pública o crime dos torturadores.

Foi feita uma homenagem no dia 10 na sede da Associação Brasileira de Imprensa em S. Paulo, e no dia 11 os restos mortais foram trasladados para Niterói. No cemitério do Maruí, numa breve cerimônia, seu irmão Jurandir também operário, agradeceu a solidariedade das pessoas presentes, e esclareceu: "a família de Danielli não são apenas seus parentes próximos. São todos aquele que chegam em casa e encontram os filhos chorando com fome e não ganham um salário suficiente para comprar o pão; são os desempregados; são os homens do campo que vivem na miséria sem terra para trabalhar; são os trabalhadores que produzem tanta riqueza e nada possuem. Sua família é a classe operária e todos os trabalhadores. Por estes Carlos Danielli viveu e morreu. E são estes que vão continuar a sua luta pela liberdade e pelo fim da exploração".

Do cemitério, os presentes saíram em passeata, com faixas, até a sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis, para um ato em memória de Danielli, organizada por operários, líderes sindicais e militantes de seu Partido.

HOMENAGEM CALOROSA

A sala do sindicato dos têxteis estava repleta, principalmente com operários metalúrgicos, têxteis e outras categorias, e trabalhadores do campo, vindos de Itaboraí, Cachoeiras de Macacú e Cabo Frio. Na mesa, estavam representantes do sindicato dos metalúrgicos, dos têxteis, dos trabalhadores rurais, e de diversas entidades, como a UNE, o Comitê Brasileiro pela Anistia, o Comitê de Defesa da Amazônia e o Comitê pela Constituinte, representantes do PMDB de Niterói e de Cabo Frio, do PT.

O espírito revolucionário de Danielli causa pavor à burguesia até hoje. Em Niterói, os patrões da Cia. de Manufaturas Fluminense, em frente ao prédio onde se realizou a homenagem, fecharam os portões colocando uma forte segurança armada até no telhado da fábrica. E ameaçaram os empregados, para que não fossem ao ato.

Por outro lado o clima combativo de todos os oradores do ato mostra que o exemplo de Danielli é um incentivo para os trabalhadores



Ato em homenagem a Carlos Danielli em Niterói

Um herói operário Comunista exemplar

O dirigente comunista João Amazonas, presente na cerimônia, emocionado com a manifestação, disse entre outras coisas:

"Danielli era um homem de Partido, um herói especial da classe operária, a quem dedico toda a sua vida. Operário metalúrgico, filho de pedreiro, Danielli era um companheiro que granjeava simpatia por onde passava, no partido e junto ao povo. Sempre preocupado com o Partido, dedicava especial atenção ao estudo teórico, e caracterizava-se pelo entusiasmo com que se dedicava às suas tarefas. Amigo de todos, era por outro lado rigoroso com os princípios e na crítica ao erro. Jamais vacilou na defesa da revolução e da classe operária. E quando foi necessário, não vacilou em dar sua vida em defesa desta causa".

"O cemitério de Perus, onde os torturadores enterraram tantos heróis, vai ficar conhecido pelo povo como a colina dos mártires. Vamos esclarecer cada um destes casos, não por revanchismo, como dizem os militares. Revanchismo é contra um homem apenas. É necessário punir os mandantes e os executores, e esclarecer para o povo quais instituições promoveram estas

torturas e assassinatos. Isto educa e dá forças para o povo impedir que voltem a acontecer novamente coisas deste tipo".

E finalizou: "Neste alvorecer que já se anuncia, podemos ver a liberdade e o futuro socialista pelo qual Danielli deu a própria vida".

REVOLUCIONÁRIO EXEMPLAR

Carlos Danielli nasceu em 1929, no Estado do Rio. Trabalhou desde muito cedo nos estaleiros de construção naval. Aos 19 anos fazia parte da Juventude Comunista. Em 1954 foi eleito para o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. Lutou com todas as forças contra o surto revisionista dirigido por Prestes e participou com destaque da reorganização do Partido em 1962. Apoiou com entusiasmo a luta guerrilheira do Araguaia e dedicou todas as suas forças na luta contra o fascismo.

Visado pela repressão, diante da possibilidade da prisão e da tortura, disse para seus camaradas: "Serei fiel até o fim à revolução e ao Partido". E cumpriu sua promessa. Honrou sua condição de comunista.

(Sucursal Rio)

Orgia espoliadora do capitalismo

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

No número passado a Tribuna mostrou o nível escandaloso em que chegou a exploração capitalista no Brasil. Num carro de 300 mil cruzeiros, 133,5 mil correspondem às matérias-primas, desgaste das máquinas, energia, o chamado capital constante. Outros 16,5 mil cruzeiros são para repor os salários, o preço da força de trabalho.

Os trabalhadores operam as máquinas, transformam a matéria-prima, criam o automóvel com seu esforço produtivo. Mas este esforço já não lhes pertence. Foi vendido ao capitalista, dono dos meios de produção, que comprou também sua força de trabalho, por tantos cruzeiros a hora. No capitalismo, a força de trabalho é uma mercadoria como outra qualquer. O operário é forçado a vendê-la para ganhar a vida.

QUEM FAZ E QUEM LUCRA

No caso concreto, o patrão compra a força de trabalho necessária para montar um automóvel pelo preço de 16,5 mil cruzeiros. Mas a força de trabalho tem uma propriedade especial. Além de transferir para o produto final o valor do capital constante, ela cria um valor novo, de 166,5 mil cruzeiros no caso. O patrão se apropria desse valor, usa uma parte para repor o que gastou com salários, e fica com o resto. Esta parte, de 150 mil cruzeiros no exemplo citado, é a mais-valia, o lucro que será repartido entre o industrial, o banqueiro, o comerciante, o aparelho de Estado.

Assim, os operários criam um valor de 166,5 mil cruzeiros, mas só recebem 16,5 mil. Isto significa que, na indústria automobilística de São Bernardo, cada operário trabalha uma hora em dez para produzir o equivalente ao seu salário. Nas outras nove horas ele trabalha de graça para o patrão. Está aí demonstrada, na linguagem dos números, a exploração capitalista.

COMO TER PAZ SOCIAL?

Isso gera uma oposição inconciliável entre capital e trabalho. Os pregadores da paz social podem falar o que quiserem, mas esta é a verdade: o capitalista só aumenta seu lucro elevando a mais-valia, às custas do salário; e o operário só melhora seu salário diminuindo a taxa de lucro do patrão.

Em toda sociedade burguesa existe esta oposição, que Marx chamou de "guerra civil mais ou menos subterrânea". No "capitalismo selvagem", do tipo brasileiro, ou no "capitalismo civilizado", sueco ou suíço, o mesmo abismo de classe separa os burgueses dos proletários. E não há jeito de resolver o problema a não ser transformar as fábricas, todos os meios de produção e os bens produzidos em propriedade coletiva de todos os trabalhadores. Somente uma sociedade assim, sem parasitas, socialista, põe fim à exploração do homem pelo homem.

PIOR QUE NO TZARISMO

Porém no caso brasileiro a exploração chegou ao delírio, com taxas de mais-valia de mais de 900%, como a citada. Para se ter uma idéia do que isto representa, basta ver que na grande indústria da Rússia Tzarista, em 1908, essa taxa era de 102%, com cada operário recebendo 246 rublos de salário por ano e produzindo 252 rublos de lucros para o patrão.

O operário brasileiro ganha hoje de seis a dez vezes menos que seus companheiros europeus e norte-americanos. E isto se deve ao aumento recorde das taxas de mais-valia que ocorreu nos últimos 17 anos de regime militar profundamente antiopeário.

Não admira, portanto, que o anseio pelo socialismo cresça tanto na nossa classe operária, explorada como poucas no mundo.



Retirada dos ossos de Danielli no cemitério de Perus



Aurélio Peres ao fundo no comício na porta da Sofunge

NA PORTA DA FÁBRICA

Artimanhas da Sofunge

“A Sofunge gosta mesmo é de **nortista**. O cara vem de lá como um bicho bruto, topa qualquer trabalho, enfrenta o duro e não reclama do salário”, explica um paraibano forte, que trabalha há quatro anos no setor de tintas. O metalúrgico desmascara uma das artimanhas da Sofunge, uma das maiores indústrias de São Paulo, pertencente à Mercedes Benz, multinacional de capital alemão.

Há alguns anos a empresa chegava a buscar de ônibus trabalhadores do Piauí, Paraíba, Alagoas e outros Estados do Nordeste, para trabalharem nas modernas máquinas que produzem peças para automóveis. A seca, a falta de terra e trabalho, a miséria, enfim, trouxeram inúmeros nordestinos para São Paulo. O salário é o menor possível. “No início a gente pensa que está ganhando uma fortuna. Também, pra quem não ganhava nada na roça, a fábrica paga muito”, conta Marcos, da moldagem.

O OPERÁRIO CONSCIENTE

Mas o trabalho quente e pesado da fábrica assim como molda o ferro, molda o operário consciente. Aos poucos o **nortista** vai perdendo as ilusões de melhorar de vida **sozinho**. É o que demonstra Paulo: “A Sofunge trata a gente como animal. Eu conheci um **paraíba** que carregava carrinhos com peças quentes. Ele trabalhava que nem doido, pensava que ia **enricar**. Um dia antes de completar os três meses de experiência foi mandado embora, sem direito algum”.

Dentro da fábrica ocorre uma mudança profunda na vida do trabalhador: da vida isolada do sertão, ele passa a conviver com centenas, milhares de companheiros. Ele nota que todos os operários são explorados pelo mesmo patrão e que para melhorar o salário, a vida, o mundo, eles terão que se unir e lutar. Daí para a descoberta da importância do Sindicato é um passo.

É só entender que a luta contra os patrões é constante e que só de forma organizada conseguirão obter vitórias.

TIRA O SANGUE

Para dividir os operários, e consequentemente aumentar seus lucros, os patrões se utilizam de muitas formas. Na Sofunge o método mais aplicado, segundo os metalúrgicos, é o do incentivo à produção através dos **prêmios**. O patrão não dá o **prêmio** atoa. É um refinado método de exploração, de autoria do engenheiro americano F. Taylor: como forma de reativar o operário esgotado, dá-se um prêmio para os que superam a **norma**. Os que não conseguem ultrapassar a marca da superexploração ganham apenas o salário comum, que já é propositalmente reduzido.

Com os **prêmios** e as promessas de promoções a Sofunge tenta romper alguns trabalhadores. Mas a maioria percebe o engodo, pois a consciência de classe, com ou sem prêmio, não cessa de crescer. Uma das exceções na Sofunge é o João, da seção 213, que influenciado pelos patrões, pensa ser um chefe. Apesar de operário toma a postura de encarregado e vive dando bronca, exigindo mais produção. Quando um operário reclama ele corre a avisar o encarregado. “Teve um **alagoinha**, amigo meu, que não aceitou o puxa-saco e teve discussão. Alguns dias depois foi mandado embora”, conta um.

Desta forma a multinacional Sofunge recorre a técnicas “científicas”, para tirar todo o sangue do trabalhador, até a última gota. Não importa que ele adoça, envelheça ou morra mais cedo.

União vence na Sofunge

Na Sofunge vai dar Chapa 3 nas eleições metalúrgicas de julho. Esta é a opinião da maioria esmagadora dos operários entrevistados. “Joaquim só aparece aqui na Sofunge para falar com os chefões”, reclama Marcos, do setor de moldagem.

Mas o grande motivo da raiva dos metalúrgicos da Sofunge é que Joaquim Andrade não regulariza o atendimento médico na firma. Para a Sofunge o atestado médico do Sindicato não serve, o que causa muitos transtornos e perdas de dia. Um operário do setor de rebarba vai mais longe. Para ele existe um acordo entre a diretoria atual do Sindicato e a Sofunge para não aceitar os atestados. “Tanto é que quando a gente vai direto no convênio do Sindicato o médico nem atende.”

Ele mesmo já tem orientação para não dar atestado”.



João, da Chapa 3, entrando na fábrica.

Outro fator que aponta para a vitória da chapa União Metalúrgica na Sofunge é que João Manoel dos Santos, há 11 anos na empresa, está na chapa 3 e é muito respeitado pelos companheiros.

DOCUMENTO DE SINDICALISTA GOIANO

Contribuição para a CONCLAT

A Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras é o grande acontecimento da vida sindical brasileira em 81. Vários estados já estão preparando CONCLATs estaduais. Em Goiás, nos dias 10 e 11 de maio será realizada a 1ª CONCLAT-GO. Na imprensa diária de Goiás foi publicado um manifesto do presidente do Sindicato dos Professores de Goiás, Sílvio Costa. A **Tribuna** destacou alguns pontos do manifesto de contribuição para a preparação da CONCLAT. Abriremos espaço para todas as opiniões que caminhem no rumo da unidade e da liberdade sindical.

Uma das tarefas mais importantes, no contexto do movimento sindical nos dias atuais, é a necessidade dos trabalhadores e sindicalistas combativos assumirem e empunharem a bandeira da unidade do movimento sindical, com discussões pela base, tirando delegados em **Assembleia Geral**, depois de amplo debate entre as categorias representadas.

DIVISÃO VEIO NA BAGAGEM

Apesar do esforço e da luta em defesa de um movimento sindical unificado, não podemos afirmar com tranquilidade que tal objetivo já está conquistado, principalmente com a viagem à Europa de Luis Inácio da Silva, o Lula, pois ele trouxe em sua bagagem concepções e idéias **contra a CUT** — Central Única dos Trabalhadores. Apesar



Sílvio Costa defende a Central Única

da linguagem pouco clara e floreada, suas concepções atuais têm muito a ver com o sindicalismo europeu, onde cada corrente política ou religiosa ou partido político controla uma Central Sindical, como por exemplo na França, Espanha, Itália. Este tipo de formulação não leva em conta a tradição histórica do movimento sindical brasileiro, que é a luta constante pela unificação dos sindicatos e suas lutas, contra o atrelamento dos mesmos ao Ministério do Trabalho. Os trabalhadores do Brasil, com sua experiência histórica acumulada, clamam por todo o país: “Trabalhador unido jamais será vencido!”. Em conclusão, podemos afirmar que esta concepção do

pluralismo sindical é típica da social-democracia europeia, contribui para lançar confusão entre os trabalhadores e para dividir o movimento sindical.

CONTRA O CUPULISMO

Há porém uma perspectiva de unidade sindical que desenvolve uma prática cupulista, de acordos e conchavos a partir de cima, como se a unidade fosse simplesmente a aglutinação de tendências e grupos que pretendem representar os trabalhadores sem antes ouvi-los. Esta é uma perspectiva equivocada, pois não tem como eixo principal de trabalho as bases, as massas, e não trabalha para mobilizar a categoria em torno de suas reivindicações mais sentidas. A Unidade tem que ser construída a partir das categorias, com um trabalho árduo e persistente nos locais de trabalho, no sindicato, a nível de cidade, estado e país.

OPOSIÇÃO SEM BASE NÃO

É muito perigoso querer desenvolver oposição sindical sem base, onde alguns indivíduos, desconhecendo a realidade da categoria, se autoneomeiam “oposição sindical”, mas não desenvolvem um trabalho de organização e mobilização da categoria. A oposição nunca pode ser desenvolvida em detrimento do fortalecimento e dinamização do sindicato. Devemos articular as duas coisas, que não são contraditórias.

(Sucursal de Goiânia)

DATA DE SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

1º de Maio é dia de união

O 1º de Maio é a grande data da união dos trabalhadores, não só do Brasil mas do mundo inteiro. Neste dia não há lugar para divisão política, nacional ou religiosa dos assalariados. É a legião dos explorados do mundo que se une no combate aos exploradores.

Em São Paulo os preparativos para o 1º de Maio Unitário indicam que o movimento sindical paulista avançou. Na primeira reunião convocada pela Unidade Sindical para discutir o assunto compareceram 30 Sindicatos e a partir daí se travou contato com os movimentos populares.

As bandeiras do Dia do Trabalho, que se realizará na Praça da Sé às 10 horas, são entre outras: contra o salário de fome e o desemprego; por uma Assembleia Nacional Constituinte Livre e Soberana; Salve a 1ª Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (**Conclat**); contra a carestia e pelo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. E terão direito à palavra representantes de todos os partidos de oposição, da Uni-

dade Sindical, UNE, Movimento Contra a Carestia, Comissão Justiça e Paz, outras entidades democráticas e populares.

ATITUDES MESQUINHAS

No entanto nem todos têm agido pela unidade. Alguns, ou por ingenuidade ou maliciosamente, tentam também neste dia dividir a classe operária. É o caso do presidente do PT, Lula, que já fala em deixar de lado o ato unitário para realizar um ato isolado em São Bernardo.

No fundo há a clara pretensão do PT de fazer seu Dia dos Trabalhadores, numa atitude mesquinha. E isto num momento em que os operários do ABC precisam tanto da solidariedade dos seus companheiros de classe, agora que a onda de desemprego atinge milhares e que é

necessário dar uma demonstração de força e da unidade dos trabalhadores.

1º DE MAIO NACIONAL

Nos outros Estados as articulações para o 1º de Maio também se desenrolam. Em Belo Horizonte haverá comemoração na Praça da Estação, na parte da manhã. E além do comício haverá um show de música. No Pará o ato público será feito na praça D. Pedro, independente da programação tradicional da Delegacia Regional do Trabalho. A Frente Sindical de Brasília já tomou a iniciativa de agrupar os movimentos populares e partidos de oposição para preparar o comício do 1º de Maio na Praça do Encontro, na cidade satélite de Ceilândia.

Em João Pessoa, na Paraíba, o mesmo problema de São Paulo está existindo. O PT também pretende realizar um ato divisionista. O Ato Unitário será em Imaculada, em Bayeux.

8 MIL METALÚRGICOS PRESENTES

Festa na posse em Osasco

Um as oito mil pessoas, na maioria metalúrgicos acompanhados da família, participaram da festa de posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, no último dia 4. Uma festa muito animada e popular, que contou com a dupla de viola Milionário e Zé Rico, bastante apreciada por ampla parcela da categoria.

Também foi uma festa com caráter de luta, combativa. Neste sentido o discurso do novo presidente do Sindicato, Antonio Toschi, foi dos mais elogiados. Ele criticou energicamente a situação de miséria do povo brasileiro, falou do desemprego, pixou o governo da fome e do entreguismo e o enquadramento de lideranças operárias na Lei de Segurança Nacional. Ao final conclamou todos os metalúrgicos a participarem ativamente do Sindicato, tornando-o um instrumento de luta.

APESAR DO ACORDO...

S. Bernardo resiste à redução

No número passado a **Tribuna** denunciou o péssimo acordo que foi assinado, praticamente sem discussão, pela direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. No caso do piso salarial, por exemplo, os operários acabaram engolindo o que queriam no ano passado: 12 mil cruzeiros. Isto quando a inflação já ultrapassou 120%, o leite vai subir novamente, o aluguel terá um aumento de 60%, e assim por diante.

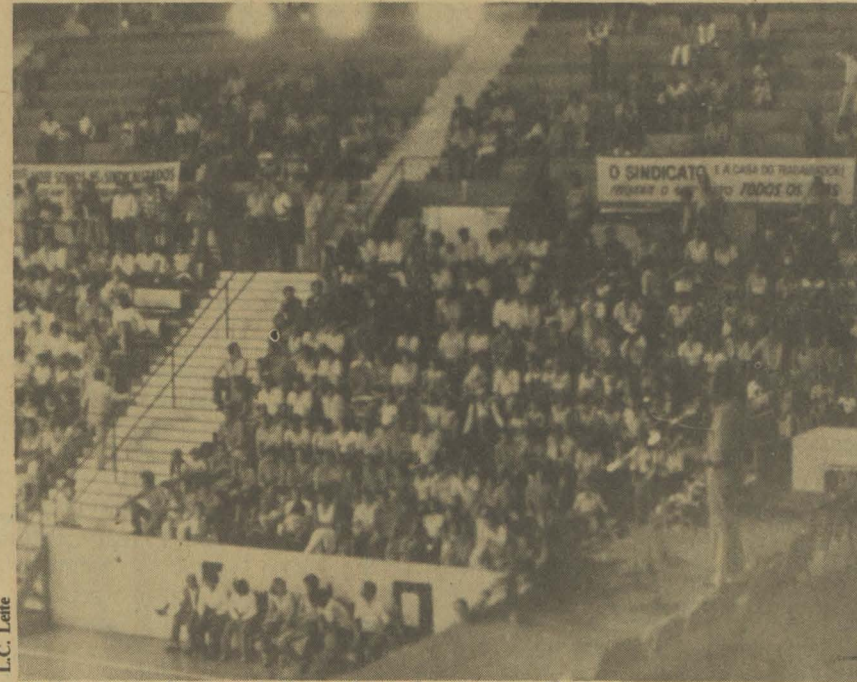
Alguns dirigentes sindicais dizem que o acordo foi equivalente à disposição da categoria, “que este ano está amedrontada”. Só que estes dirigentes sindicais pouco fizeram enquanto lideranças para mobilizar seus companheiros. Para mostrar que lutar é a única forma de resistir ao desemprego — que é real. Que já antes da campanha salarial, antes mesmo de alguém falar em greve, a multinacional alemã Volks demitia cerca de 15 mil pessoas.

CAIU NA DOS PATRÕES

Agora a diretoria cassada e a junta governativa do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo tomam mais algumas decisões que facilitam o ataque dos patrões e o intento de jogar nas costas dos trabalhadores o pesado fardo da crise que eles criaram.

A primeira, muito divulgada nestes dias, foi a aceitação da proposta da Volks de reduzir a jornada de trabalho e os salários. Já existe resistência a isso na categoria. A Comissão de Salários rejeitou a assinatura do “protocolo de intenções”. Um dos seus membros, Wagner, explicou que o acordo não é ruim somente para os operários do ABC. “Ele abre um precedente político para acordos do tipo em todo país. E nós não temos que salvar o capitalismo da crise. Nós temos que nos preocupar com a classe operária, com o fim do capitalismo”.

Outra decisão foi a mudança do dia e local da próxima assembleia, que não será mais no dia 26, domingo, mas sim dia 24. E não será no Estádio de Vila Euclides, que comporta 100 mil operários, mas na sede do Sindicato, que não comporta nem mil metalúrgicos.



Muito animada e combativa a festa de posse em Osasco

-os obailgno ando ob oas mu d -dli me magalh sb clamezo o m



Boa advertência

Greve dos médicos — Quase 6 mil médicos residentes fizeram uma greve nacional no dia 8 de abril, como medida de advertência, e deram um prazo final para que seja aprovado o projeto apresentado no Congresso pelo Deputado Mário Hato (PMDB-SP). Se não for aprovado até o dia 28 de abril, os residentes irão fazer uma greve nacional por tempo indeterminado. O projeto trata da regulamentação da residência médica.

A greve do dia 8 de abril conseguiu a adesão de mais de 60% da categoria. Marcos Aguiar, presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes foi bem claro: “Nessa conjuntura não é possível enfrentar o governo sem uma posição firme de luta, sendo que qualquer atitude conciliadora, de ilusão com o regime, aguardando que um dia a situação melhore, só conduzirá o povo a uma situação cada vez pior.” Salientou ainda que “só com unidade e luta o povo será capaz de superar a crise”.

Renovação deslança

Professores, SP — Foi realizada no dia 11 de abril a reunião de lançamento da chapa do Movimento de Renovação e Fortalecimento Sindical, que concorre às eleições da APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo). Mais de 70 professores escolheram a professora Lilian, da Zona Leste de São Paulo, para encabeçar a chapa. A atual diretoria levou a APEOESP a uma situação de isolamento da categoria. A proposta do Movimento de Renovação é voltar toda a força da entidade para dentro das escolas. A criação dos representantes por escola traria grande respeito e unidade.

Arma do trabalhador

Metalúrgicos de Itu, SP — Após vinte anos de peleguismo do atual presidente do sindicato, já era hora de montarmos a primeira oposição na história do sindicalismo em Itu. Não foi fácil chegarmos ao estágio atual, com a chapa 2 registrada.

Preparação com luta

Funcionários públicos, MG — “Se os funcionários públicos param, o governo pára”, disse um funcionário público no ato realizado pela categoria. A manifestação se deu no dia 2 de abril, às 18 horas em frente a Assembleia Legislativa e contou com a participação de aproximadamente 900 pessoas. As principais reivindicações foram: complementação de 40% do último reajuste, reajustes semestrais como as demais categorias, 13º salário para os estatutários e direito à sindicalização.

Agora os funcionários públicos se preparam para o Congresso Nacional da categoria, que se inicia no dia 8 de maio em Recife. Minas deverá mandar uma grande caravana, com funcionários de todas as áreas.

Restaurante no chão

Metalúrgicos de Americana, SP — A indústria Nardini é a maior indústria metalúrgica de Americana. “Nós temos um salário dos mais baixos da região”, desabafa um operário. “E a fábrica mantém um prédio que há mais de oito anos deveria ser o nosso restaurante, mas que só serve para descontar imposto de renda.” Por causa da falta de restaurante o pessoal come no pátio da empresa ou vai correndo de bicicleta, comer em casa.

A fábrica tem outros problemas graves. Só que Americana pertence à base do Sindicato dos metalúrgicos de Campinas, dirigido pelo pelego Cid que polco tem feito para ajudar os operários. Ao contrário, ele tem uma rede de puxa-sacos e de outros para entregar os trabalhadores ativos. (Da Sucursal)



fala o POVO

Amigo leitor: neste número começamos a dar destaque especial para algumas cartas que achamos mais significativas. Elas são exemplos mais vivos do que o povo vive no dia a dia ou tem alguma lição a dar. O operário da Fiat do Rio de Janeiro, por exemplo, nos dá um retrato vivo da exploração capitalista no interior das fábricas, concluindo que consertar este sistema é como "bater com a verruma no prego". E o trabalhador de Ribeirão Preto obrigado a roubar para sobreviver mostra um outro aspecto brutal e odioso desta exploração. Esta seção é sua, leitor! Contribua também para fortalecer a dando sua opinião e dizendo o que você pensa. Aqui os oprimidos tem direito a voz e vez. (Olívia Rangel)

CORDEL DE APOIO À "UNIÃO METALÚRGICA"

Poeta fala da chapa 3

João Coqueiro é maranhense e "poeta das oposições". Recentemente fez um cordel para a chapa 3 "União Metalúrgica", que concorre ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Aqui alguns versos: Sou nordestino e me encontro na cidade do metrô olhando as maiores grandezas que o pessoal me falou vi bastante exploração de fazer tristeza e dor.

Cansei de ver tanta coisa corrupta neste torrão em cima da classe pobre que faz toda a produção e a ditadura dizendo que isto é civilização.

Já que mostrei estes dados pretendo agora mudar seguir um outro roteiro pro povo não se enfadar falar da classe operária o que pude observar.

Com a classe metalúrgica fiquei muito admirado troquei idéias com eles pra poder ser informado vi grande simplicidade na grande massa explorada.

Nós precisamos depressa unir as categorias do povo trabalhador que os ricos não aprecia e trocar a ditadura por uma democracia.

Prá nós ter mais garantia vamos primeiro lutar por um sindicato forte que possa a classe ajudar sem medo de perder cargo e firme sem vacilar

E a classe metalúrgica agora tem que lutar pra derrubar o pelego e pôr outro em seu lugar e desta vez o Aurélio os sócios vão apoiar.

Aurélio Peres que tem a maior capacidade junto com mais companheiros com toda dignidade de ser diretor da classe pois tem combatividade.

Ele tem amor à classe seu ideal já mostrou é deputado operário e muito trabalhador e seu caráter de honra até agora aprovou.

Quando a FNM S/A foi fundada, em 1942, nós tínhamos: condução grátis, boa alimentação, casa pra morar, acampamento para os solteiros, assistência médica e social, farmácia com remédios mais baratos, cooperativa com gêneros alimentícios, aparelhos domésticos, etc. Mais ou menos em 1952 a FNM passou a ser indústria automobilística, comprando carros da Cia. Isota-Fraschini, companhia falida na Itália. Não sendo bem sucedidas as negociações passou para a Alfa Romeo. Após 3 anos passou a fabricação do produto a 75% nacional, sendo que os motores vinham da Tchecoslováquia, Itália e da Alemanha.

VENDA A TROCO DE OVO DE GALINHA

A venda do patrimônio — FNM — foi como vender um aviário, montado, com produção de renda fabulosa, a troco de um ovo de galinha. A pioneira indústria nacional já era. A Alfa Romeo funcionou 11 a 12 anos e muito nos explo-

TECELAGEM CAMPO BELO-SP

Mais enganação na fábrica

Na Fiação e Tecelagem Campo Belo, os trabalhadores estão sendo obrigados a assinar uma lista de feriados para que os patrões possam descontar dois ou três dias de trabalho. Isso acontece nas vésperas de feriados, como no Natal, no Carnaval. Agora já estão comentando que vai ser passada novamente a lista, próximo a semana santa.

Eles procuram enganar os trabalhadores pagando os dias de feria-

rou. Alarmaram: "haverá muitos empregos e tudo de bom". Mentira: acabou farmácia, serviço social; demoliu acampamento; encaminhou a assistência médica para o SASE. Lá não tem nem soro antitetânico. Já morreram pessoas intenas há 16 horas sem tomar uma pastilha, até chegar a morte. Entregaram os quadros residenciais ao Ministério da Fazenda. Há 15 anos não é dada limpeza nas casas. Mais ou menos 10 famílias vivem na imundície, com enfermidades, baratas e ratos, pouca água e sem esgoto. No bairro há capoeira e cobras.

Há 3 anos a exploração passou da Alfa para a Fiat. No tempo da

FNM havia 6.475 empregados, hoje na FIAT-DIESEL há 3.149. Desemprego em massa. Acabou todo compromisso de assistência pelo governo. Os filhos da pátria ficaram no relento da sorte. Muitos morreram a míngua, baixo salários e outros sem emprego. Tudo nas mãos dos trustes internacionais. Mais produção, mais desemprego, mais remessa de lucros para o exterior, mais famintos no Brasil.

FIAT TEM AGENTES NO DOPS

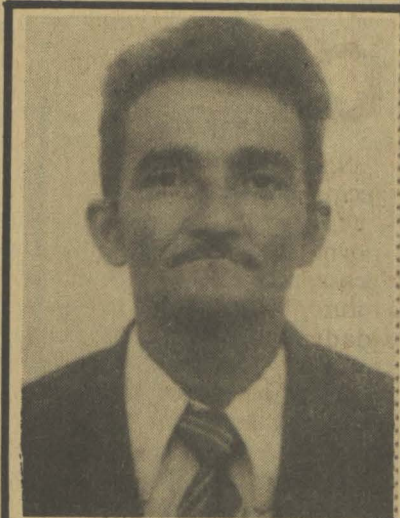
A FIAT não cumpre o contrato de insalubridade (de 40%), não fornece leite; aumentou o preço da condução e da alimentação (de

100%). Não ampliou os mictórios, com 16 a 20 mictórios isolados e 2 vasos para 72 homens, a 200 metros de distância. As empilhadeiras a óleo levam alta intensidade de gás carbono aos pulmões dos empregados. Nos pavilhões de 300, 500 ou 600 metros não tem ar condicionado e nem ventilação normal. Chega a 43 graus de calor. Não há proteção acústica contra poluição sonora de 184 a 210 decibéis — a tolerância é 84, e com aparelhos.

Tem muita perseguição da segurança. São guardas militares do SPGR, ganhando de salário 100 e outros 110 mil por mês. Defendendo o truste internacional punem, e espancam irmãos da pátria.

A diretoria da FIAT tem agentes do DOPS pra dar aulas a chefia das oficinas de como destruir o Sindicato, de como desmontar a união dos seus empregados. Em todo lugar é o homem instrumento só pra dar produção. Caso o peão seja ativista, a carta de apresentação tem sinal, lá onde fez teste não passa. Não há emprego para este operário. Como passaram nos galhos das árvores, hoje aqui e amanhã ali.

Companheiros. A vida do capitalismo emperrou. É um perpétuo domínio em nosso meio desde o princípio da empresa até o fim. Pedir uns consertos é bater com a verruma no prego. (Um operário da FIAT — Duque de Caxias, RJ).



FALECIMENTO

Tino, um operário combativo

Tino, o Domiciano Pereira Barcelo, faleceu dia 12 de março, vítima de um derrame. Ele era um dos mais destacados companheiros de luta no bairro da Canjica, em Cuiabá, Mato Grosso. Era um profissional carpinteiro. Muito destemido, por várias vezes fez frente aos jagunços, inclusive quando da virada de um jipe de um jagunço. (De um companheiro de luta — Cuiabá, MT).

SALÁRIO DE FOME-GO

A vida dura de um chapa

Meus prezados companheiros de luta, aqui estou tendo que fazer uma terrível greve de fome forçada. Na época de 1969 as coisas eram bem mais tranquilas. Daí por diante as coisas foram se complicando. Naquele tempo a gente ainda podia comer carne, mas agora nem se fala em carne.

Companheiros, eu por exemplo, que sou casado, não tenho a mínima condição de manter a família. eu não tenho casa própria e moro na invasão. A gente trabalha 30 dias e recebe um salário de fome que não dá para comprar nem arroz, feijão, leite e pão. Quando chega o final do mês é aquela confusão. Tem que comprar uma camisa pro Zezim, um par de sapato pro Joaquim, um chapéu pro João. Ai se foi o salário.

O que se faz com esse salário de fome que recebemos? Muitas vezes chego a pensar que não há solução para nossa classe operária. Mas porque penso isso? A solução é prosseguirmos na luta sem olhar pra trás e sim para a frente, porque o futuro é dos trabalhadores.

Eu sou um chapa. É um serviço muito pesado, desgasta muito o físico. Quando chega no final do dia me sinto completamente pregado. Só vontade de deitar e comer. Mas eu pergunto, comer o quê? (Um chapa de Goiânia, GO).

OPERÁRIO NAVAL DENUNCIA BANCO-CE

Bradesco faz trapaça suja

Eu sou um participante do PIS, 14º salário. Mas a partir do dia 12 de novembro de 79 eu não recebi mais, porque alguém foi lá e retirou no meu lugar. Da primeira vez eu fui muito humilhado, quase fui em cana, tive uma crise de nervo muito séria, que ainda hoje sinto muito.

Mas o problema continua. No dia 24 de novembro de 80 eu fui novamente procurar retirar o dinheiro do PIS, mas quando cheguei lá o banco já havia pago para outra pessoa. Daí a moça do caixa me chamou e perguntou se eu ia me casar, dizendo que eu havia vindo no dia 17, retirado o dinheiro e agora voltava novamente. Daí eu falei que não havia pego o dinheiro. Ela duvidou de mim, dizendo que ia chamar a polícia e o perito do banco.

Eu não tive medo, porque no ano

passado eles fizeram isso comigo e o perito safadão, disse na minha cara que a assinatura era minha e não tomaram nenhuma providência contra o atentado. A prova é que esse ano me roubaram novamente. Companheiros, eu considero isso o cúmulo, uma corrupção exagerada para um operário que já é vítima de tantas humilhações.

Eu resolvi procurar um advogado, esperei mais de um mês e nada. Perguntei ao advogado em que pé estava as coisas e ele me respondeu que não sabia, porque ele tinha dado entrada com o documento mas o banco ainda não tinha chamado ele.

Daí resolvi ir até o banco saber em que pé estava as coisas. Me falaram para voltar na outra semana. Na outra semana passei lá e me mandaram para outro local. Lá mandaram eu aguardar,

porque já tinham enviado o problema para a matriz do Bradesco em Osasco, SP. Depois disso tudo fui conversar com a dra. Vera responsável da Caixa Econômica, que me dissera que havia movido uma ação contra o Bradesco.

Entre na sala sabendo quem era a Vera, mas para minha surpresa ela negou ser a dra. Vera. Mas, eu já cansado de perder dia na firma, e sabendo que a criatura que eu ia falar estava ali, encarei na mesa dela e fui logo falando o que queria. Daí ela me atendeu, tentando tapar o sol com a peneira. Mas deu pra perceber que a Caixa Econômica não moveu nada de ação contra o banco Bradesco e que tudo é papo furado desses pilantras que comem num prato só. (R.N.S., metalúrgico na indústria naval — Fortaleza, CE).



EXPLORAÇÃO AOS BANCÁRIOS DO BRADESCO

Banco que diz confiar em Deus faz o diabo

O Bradesco utiliza frases como "Nós confiamos em Deus" e vários outros provérbios bíblicos com o objetivo de fazer propaganda que não condiz com sua realidade. Vejamos. Os funcionários das agências são obrigados a assinar duas horas de almoço, sendo que na verdade só fazem uma hora. Também o horário de abrir e fechar o banco não é respeitado.

O clima criado pelos dirigentes

dos setores é insuportável para os funcionários. Estes são obrigados a fazerem coisas contra a sua vontade, tais como comprar ações obrigatoriamente e são proibidos de atualizar-se sobre seus direitos junto ao sindicato. Um exemplo foi o de uma agência onde os funcionários foram impedidos no plebiscito realizado pelo sindicato, para decidir sobre o aumento do anuênio. (Um bancário — São Paulo).

IDEOLOGIA OPERÁRIA X IDEOLOGIA BURGUESA

Não aja como patrão

A quem interessa a greve por categoria?

Ninguém pode negar que as últimas greves (refiro-me às que se realizaram depois de 1978) criaram algumas lideranças de destaque, que saíram da frente dos movimentos grevistas de suas categorias.

Um tipo de procedimento (traição) contribuiu para enfraquecer o movimento dos trabalhadores em dois aspectos: o econômico e o ideológico. Econômico porque o número de vagas em quaisquer profissão é inferior ao número de candidatos e essa desproporção faz parte da estratégia patronal (capitalista), cujo objetivo é criar um exército de desempregados, obtendo assim maior poder na barganha com os da ativa.

E quanto à ideologia? Todos nós sabemos que o operário que passa aos companheiros os chaves de seu conjunto é desprovido de ideologia própria. Não raro ouvimos frases como estas: "Você não está contente com o seu salário, procure outro emprego";

"É, mas quando você aceitou o emprego, você sabia de tudo isto"; "Não quer trabalhar, peça a conta".

Enfim, tais chavões já se tornaram normais na boca dos trabalhadores, que na sua maioria são instruídos (ou induzidos) a agirem de tal maneira. E quem incita, ignora tais procedimentos? Não. Os incitadores, os demagogos, oportunistas e pelegos não ignoram, pois sabem que os trabalhadores dispõem da força de trabalho.

Os trabalhadores precisam de união no tocante às categorias e ainda no tocante à ideologia. Com relação à ideologia, os patrões a impedem através dos órgãos de comunicação de massa, como rádio, televisão, jornais e revistas, inculcando na cabeça dos trabalhadores tudo que lhes aprouver.

Só com a fusão das categorias, que hoje ou amanhã um dará o primeiro passo, sem que os pelegos da outra consigam impedir, poderemos substituir a ideologia burguesa por uma própria do trabalhador. (Um gráfico do "Diário Popular" — São Paulo, SP)

POSSEIRO DEFENDE TERRA DE ARMA NA MÃO-MT

Jagunço leva chumbo

No bairro Cidade Alta, em Cuiabá, cerca de 14 jagunços invadiram uma área habitada desde 1933 por dona Josefina e seus familiares. Os jagunços estavam a mando do advogado Mauro Arantes, conhecido e sócio de um coronel do exército e renomado agiota.

"Ontem os jagunços voltaram e um deles, aqui nesta porta foi dizendo: 'é pra vocês sair hoje, o patrão quer a terra'. Dona Josefina, a mais velha, mãe e vó dos outros, respondeu batendo os pés no chão: 'Daqui não saio, não saio e não saio, porque aqui é nosso'. Dona Gina, a filha, falou também: 'só se for morta'.

O jagunço sacou o 38 e atirou. O ombro direito do menor Nilson foi vazado de um lado para outro. O seu tio foi acertado de raspão na boca. Nesse momento, seu irmão Amaro, saiu para fora despejando fogo. O jagunço saiu com a bala na barriga. Amaro diz: "Atirei porque eles já tinham atirado em meu sobrinho e estavam quase matando a minha mãe. Ai eles me acertaram aqui na cabeça com um machado. Eu caí, mas levantei, carregi de novo o revólver e atirei. Ai o resto correu tudo".

Dona Josefina mostrou a camisa: "Veja, toda rasgada a roupa do meu filho, ele que estava aqui trabalhando. Esta roupa eu vou guardar". O menor Nilson finaliza: "A gente devia estar tranquilo e não desse jeito. Eu acho que tudo isso acontece porque os grandes são protegidos do governo. Mas daqui não vamos sair". (A.F.A. — Cuiabá, MT)

DENÚNCIA CONTRA A REDE FERROVIÁRIA-PR

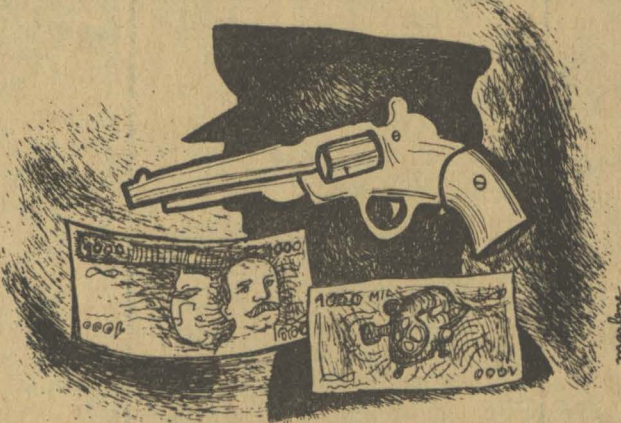
Ferrovários esperam abono há vários anos

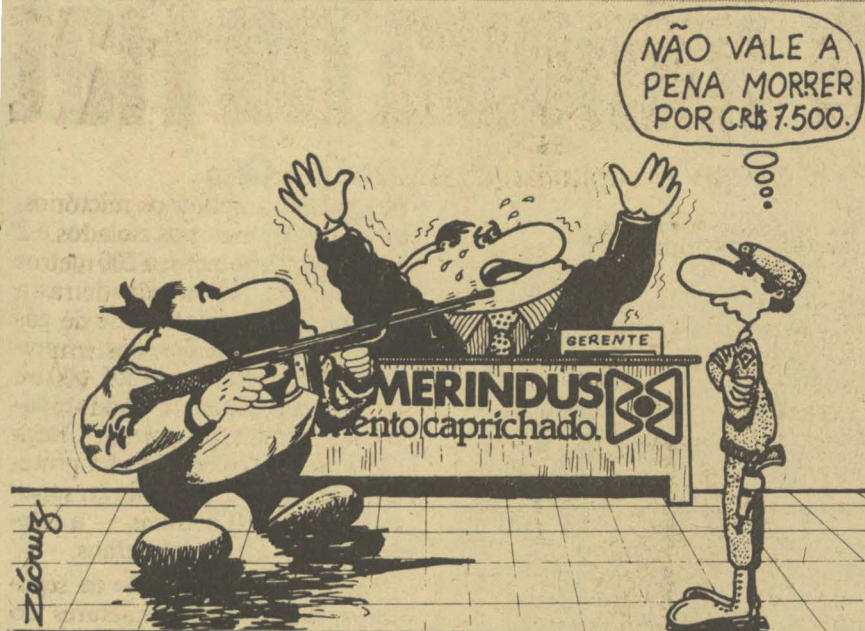
Os funcionários da Rede Ferroviária Federal S.A., nas oficinas de Curitiba, vem, através deste jornal denunciar o não pagamento dos abonos referentes a insalubridade a que têm direito. As seções insalubres são: chaparia e fundição. E insalubre e perigosa é a seção de vagões-tanques.

Tem funcionário com três anos de firma e que não ganha o abono referente a insalubridade e periculosidade. Este último só a seção de vagões-tanques tem direito. Inclusi-

ve já foram feitos vários requerimento junto ao supervisor de segurança do Trabalho e a resposta que o mesmo dá aos funcionários é que está para estourar a qualquer momento. Só que tem funcionário esperando que estoure o abono há três anos.

Por isso os funcionários exigem que os responsáveis por tal obrigação sejam mais objetivos em suas respostas e que não fiquem enrolando com promessas. (Funcionários da RFFSA em Curitiba, PR).





VIGILANTES BANCÁRIOS DE SALVADOR

Segurança de banco assaltado no salário

A Aurora Planejamento e Segurança S/A, firma de vigilância pertencente ao Banco Bamerindus do Brasil, não está nos pagando de acordo os aumentos semestrais. Nós estamos sendo roubados em nossos salários. Recebíamos Cr\$ 6.500,00 e passamos a receber Cr\$ 7.500,00, quando o aumento dado pelo governo foi de 51%. Isto não é justo.

Nós que trabalhamos em frente de bala, pois damos segurança num banco em que entra milhões e mi-

lhões de cruzeiros, percebemos um misero salário, que não dá prá nada. E ainda somos burlados em nossos direitos.

Espero que este protesto sirva de alguma coisa. Que outros que sofrem como nós tenham coragem de escrever para este jornal, que é do operário. E que este protesto sirva para a autoridade competente tomar alguma providência. (Um grupo de vigilantes da Aurora — Salvador, BA).

POESIA SOBRE 1º DE MAIO

Quem tem o futuro na mão

Sou uma trabalhadora do município de Boquira. Leio sempre este jornal e sei que é um jornal do povo. Ele combate o governo e pensa uma coisa boa para o nosso futuro. E apesar de já estar com a idade avançada eu acredito no futuro. O sr. Haroldo Lima veio aqui no mês passado. Eu assisti a palestra dele e gostei muito.

Olha, estou enviando uma poesia que eu escrevi sobre o dia 1º de maio e queria que vocês publicassem. Não estou colocando meu nome, pois aqui na terra os grin-

gos vigiam a gente e eu dependo muito do meu emprego para o sustento dos meus filhos.

1º de Maio

O dia do trabalhador São todos os dias Os homens que trabalham a vida São os homens que merecem viver Construindo o futuro Que por certo será melhor. Trabalhadores do meu Brasil Riqueza maior da minha terra Trabalhador do mundo Sustento da sociedade Homens serenos Homens calados

Só vêem o presente Construindo o progresso com as mãos Homens e mulheres, trabalhadores enfim. Tem o meu respeito, minha admiração E eu sei que tudo não será em vão Pois do ventre dos operários Sairão homens novos Que terão novas realidades Pois somos nós Os homens do futuro.

(Uma trabalhadora de Boquira, Bahia)

CONTRA A LSN

Apoio ao padre dos oprimidos

Na tentativa desesperada de conter o avanço da classe trabalhadora e das forças democráticas deste país, a famigerada ditadura militar volta a assacar contra os que se opõem a este regime seus instrumentos de repressão. Inclui-se com o enquadramento de sacerdotes da igreja católica na odiosa Lei de Segurança Nacional.

Primeiro foi a vez do padre Vito Miracapillo, da paróquia do Ribeirão, município de Pernambuco. Em solidariedade ao padre Vito, levantaram-se vozes em coro clamando contra mais esta injustiça. O padre Reginaldo, da paróquia de Casa Amarela, bairro de Recife, redigiu um hino, onde o mesmo retrata corajosamente a farsa daquele vergonhoso julgamento.

Diante desse fato a procuradoria militar acionou seus dispositivos legais visando enquadrar o padre Reginaldo na LSN. Nós, colaboradores da **Tribuna Operária** em Cabo, Pernambuco, vimos a público lançar nosso o mais veemente repúdio ao enquadramento do padre Reginaldo na LSN. Isto, principalmente, quando sabemos que o referido sacerdote desempenha um trabalho pastoral em favor das classes oprimidas e exploradas de sua localidade. (Colaboradores da TO em Cabo, PE).

SITUAÇÃO SOCIAL NO SUL DA BAHIA

Riqueza e miséria nas plantações de cacau

A situação do assalariado do cacau é crítica. Não há respeito pelos contratos de trabalho, nem pelo salário oficial da região. Os trabalhadores na diária como se fosse por produção. Tem fazendas que pagam 120, 140, 150 e até 200 cruzeiros por dia. Tem fazendas também que burlam a lei, assinando carteira de trabalho, onde declaram um salário que não é pago.

A "máfia do cacau", integrada, principalmente por membros do PDS, que formam a principal elite econômica do sul da Bahia, é a principal responsável pelo estado de miséria e exploração em que vivem os trabalhadores do cacau e seus familiares.

Apesar dos salários miseráveis, os fazendeiros de cacau ainda se acham com direito de nos seus latifúndios, reduzirem ao mínimo o espaço de terra que os trabalhadores cultivam para alimentar suas famílias. Por tanto, não é a seca, nem outras manifestações da natureza o responsável pela fome, desemprego e doenças existentes entre os trabalhadores do cacau e de outras regiões. O grande responsável por todo este estado de fome e exploração é o regime dos generais, que há 17 anos é o sustentáculo dos latifundiários e de todos os exploradores do povo.

(Um trabalhador da região do cacau na Bahia).

ATENTADO AOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA-AL

Cenas de injustiça na rua

Murici voltou novamente a ser palco de exibicionismo, o que levou a população a comentar sobre a falta de justiça e a desvalorização da pessoa humana.

Eram oito horas da manhã quando se ouviu pisadas de cavalos no calçamento. O vigia da Usina São Simeão, Antonio Lindráz, montado em um cavalo, puxava um camponês com uma corda amarrada no pescoço. Atrás vinha um outro vigia que chicoteava o camponês barbaramente, sem atender aos dramáticos apelos da população que pedia pelo fim daquela tragédia. Os gritos de socorro dirigidos pelo miserável que estava sendo espancado comoveu o povo.

Quando o popular Jorge, perguntou ao vigia Antono Lindráz se ele não era humano, recebeu a resposta: "Cale esta boca que eu faço com ele e com qualquer um". E



por pouco, o vigia não agrediu o popular que falava em nome de todos que assistiam a triste cena.

Em seguida os vigias seguiram com o camponês até a delegacia e o entregaram à polícia, que sem saber a razão pela qual o mesmo estava sendo espancado, colocou-o atrás das grades. Após, os dois vigias partiram em disparada, gritando: "Ainda tem mais".

Este fato reviveu na memória de todos, o crucifixo de um operário nas grades de um caminhão, no pátio da usina há cerca de três anos. Este elemento chamado

SINDICATO DOS METALÚRGICOS-RS

Demissões e protesto

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Jerônimo, manifesta a sua preocupação com as recentes demissões na Aços Finos Paratini, onde os trabalhadores submetidos às péssimas condições de insalubridade e periculosidade e a opressão, procuram, através de seu Sindicato, participarem das lutas por melhores condições de trabalho.

Isto vem mostrar que todas as empresas, como nós sabemos, vêm aplicando a política do arrocho salarial e a perseguição às lideranças combativas dos movimentos sindicais. O Sindicato, vendo os companheiros sendo demitidos, não permanecerá calado.

Considerando que ainda permanecem as ameaças de novas demis-

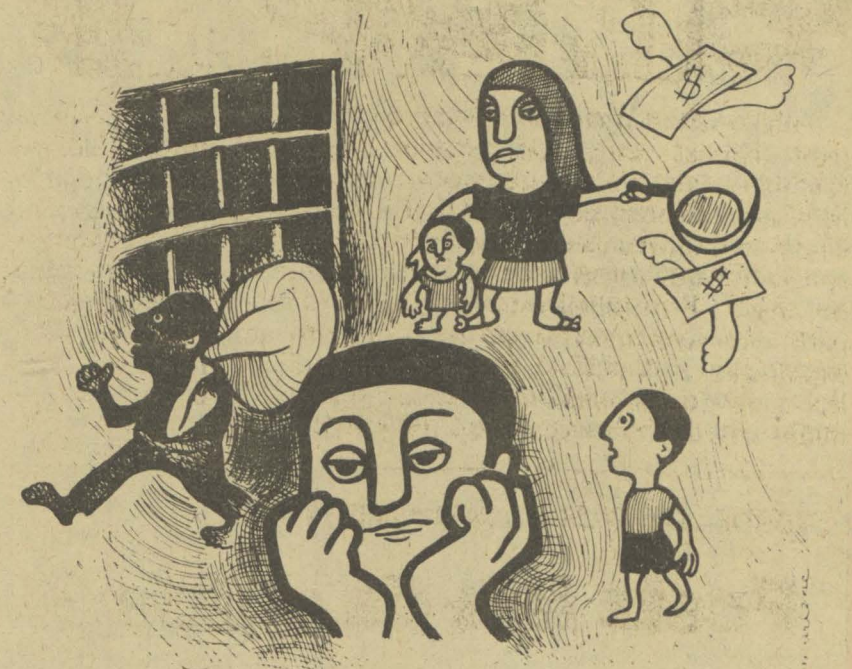
estupros. Sempre que precisei roubei, mas coisas poucas. Jamais roubei um pobre. Não gosto de praticar furtos, mas sempre que cometi alguma coisa errada foi forçado pelas circunstâncias.

"QUERO SER HONESTO F TRABALHADOR"

Já faz uns quatro anos que deixei de fazer estas coisas, mas do jeito que está a vida, serei obrigado a voltar a cometer delitos. Hoje sou pai de um casal de meninos, um com 8 anos e outra com 2 anos. Faz dez anos que sou casado. Quero dar bom exemplo para meus filhos, quero ser honesto e trabalhador. Mas veja o senhor, eu já tirei carta profissional e motorista, mas não consigo emprego por não ter tempo de carta e nem referências.

Já fiz curso para guarda de segurança, mas não consigo emprego. Quando consigo é para ganhar no máximo oito mil cruzeiros por mês. Eu pago 4 mil por um cômodo de 4x4. Me sobra 4 mil para tratar de duas crianças e da mulher. O filho mais velho já está na escola, tenho que comprar pão, leite, calçados, roupas, remédios e fazer despesa com 4 mil cruzeiros, sem contar água, luz e gás.

Eu juro que não quero voltar à



vida de marginal, mas não tenho outro meio com o salário que ganho. Como vou tratar de quatro pessoas com 4 mil por mês? Fica aqui o meu apelo e um exemplo

para que se faça alguma coisa para melhorar as condições de vida. Se quiserem publicar meu nome não tenho nada contra. (O.A.S., 33 anos, Ribeirão Preto, SP).

DENÚNCIA DE FUNCIONÁRIO DA TRANSURB-GO

Oficina da empresa pior que a casa de detenção

O Nicomedes, presidente da Transurb, está despedindo os funcionários para empregar gente de Itumbiara. É que o Nicomedes vai ser candidato a Deputado Federal e está se aproveitando do cargo para cevar seus currais eleitorais.

No Transurb existem muita sujeira. Lá tem um chefe geral da garagem que se faz de bonzinho mas persegue funcionários, aplica o balão, etc. O salário é mísero. Os barrigudos dos escritórios ganham altos salários, enquanto o pessoal da garagem, que é o eixo da

empresa, ganha uma miséria. João Batista, o chefe, mecânico de carros, chega sempre atrasado e bêbado e não é punido, porque é dedo de veludo. A oficina é pior que a casa de detenção. Se o chefe vê um trabalhador conversando pune imediatamente. O operário, embora revoltado, não abre o bico senão vai para a rua.

Mas a solução mesmo é juntar todo o povo e despachar esse governo pra os quintos dos infernos.

(Ex-funcionário da Transurb — Goiânia, GO).

DENÚNCIA DOS TÊXTEIS-SP

Médico receita no chute

Um operário da Têxtil Matarazzo, com enfizema pulmonar, foi procurar o médico do Sindicato, dr. Luiz. Este sem examiná-lo, sem pedir radiografia do pulmão, mandou-o tomar vitamina e xarope. E além disso mandou comprar os remédios na farmácia de sua propriedade, na rua da Glória.

Atendido por outros médicos, foi descoberto pela radiografia o enfizema pulmonar. A queixa foi encaminhada para o Queiroz, diretor do Sindicato, que respondeu que o médico era funcionário muito velho e que não dava para fazer nada. E a saúde dos operários como é que fica, Queiróz? (Grupo de operários da Têxtil Matarazzo — São Paulo, SP)

MAU ATENDIMENTO MÉDICO-RS

Morte no hospital

Eu conto um fato que me chamou a atenção. Aconteceu no Hospital de Guaíba. Um paciente foi consultar e só porque ela estava com a carteira do Sindicato atrasada, o médico disse que só atenderia ela depois que atendesse todos. Isso foi às 8 da manhã. As 4 da tarde, ela estava deitada no pátio do Hospital sem ser atendida. Era uma pessoa idosa, com 70 anos. Cheguei lá e falei com o médico. Ela disse que só tinha ele de médico no Hospital Nossa Senhora do Livramento.

Outro fato que me chamou a aten-

"Araguaia Meu Brasil" é um show musical que os goianos Itamar Correia e Gilson Mundim apresentarão para o público paulistano. O show será nos dias 29 e 30 de abril, às 21 horas, no Teatro TUCA, na rua Monte Alegre, 1024. A renda será destinada à chapa 3 "União Metalúrgica", que concorre às eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de S. Paulo.

O show "Araguaia Meu Brasil" é uma homenagem que Itamar Correia faz ao seu amigo de infância, Marco Antônio Dias Batista, estudante secundarista goiano, um dos desaparecidos políticos na década de 70. Devido à penetração que o show teve em Goiás, quando foi lançado o ano passado, militantes da extrema direita tentaram boicotar o show intimidando o público. Mas o público prestigiou assistindo o show no escuro.

ção. Eu estive fazendo um passeio na serra e vi que o colono vive com bastante dificuldade. Se queixaram muito que o governo não dá apoio pra eles. Para fazer compra fiado nas vendas, os colonos tem que assinar um documento e cobra juros da conta. Acontece cada coisa incrível pra eles. Veja só. No Hospital de Rolante, os médicos deixaram o filho de um colono morrer por falta de atendimento, dentro do hospital. (Dois mordedores da comunidade Arapeí — Vila Cruzeiro do Sul — Porto Alegre, RS).

DESEMPREGO EM BELO HORIZONTE-MG

Triste situação: nas ruas atrás de emprego

Após ser despedido injustamente da firma onde trabalhava, Economisa Caderneta de Poupança, por não querer me prestar ao jogo de meu chefe, me vi desempregado como tantos brasileiros.

Após uma interminável via sacra, tendo que acordar ainda de madrugada para concorrer com outros desempregados como eu, a troco de salários de fome, consegui uma vaga na Morrison Knudsen Engenharia S/A.

Fiz todos os testes de praxe: entrevistas que não levam a nada, psicofísico e datilografia, pois me candidatava a vaga no setor administrativo. Me vai

bem em todos os testes até que chegou a hora do exame médico.

Aí, companheiros, fui considerado inapto para exercer a função de datilógrafo naquela firma, pois fora a tempos atrás operado de hérnia. Tentei dialogar com o médico da firma, para explicar para ele que a operação não afetaria em nada no meu serviço. Mas ele foi irredutível.

Assim, me vi novamente nas ruas procurando emprego, com a certeza de que a situação só vai mudar quando tivermos um governo feito pelo povo e que defenda o direito dos trabalhadores. (M.A.C. — Belo Horizonte, MG)

Arapuca policial e tortura contra oposição no Pará

Um mês antes da eleição que deverá tirar o grileiro Bertolo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, no Pará, o governo volta a atacar os lavradores.

Oito agentes da Polícia Federal, armados com fuzis e metralhadoras, prenderam traiçoeiramente três posseiros no dia 3 de abril, perto do povoado de Itaipava, no Baixo-Araguaia. Raimundo Pereira, José de Amorim e Edson Romão foram presos em suas posses e levados para a fazenda "Novo Mundo", do grileiro Neeif Mourad. Lá receberam socos e pontapés, passaram dois dias amarrados, nus, e um deles sofreu o "pau-de-arara".

Depois a polícia levou-os à sede do GETAT de Marabá, onde forçou-os a assinar confissões forçadas. O objetivo é incriminar o advogado Paulo Fontelles, da CPT, a viúva do líder camponês Gringo, Oneide Lima, e o Padre Aristides Câmio como mandantes da emboscada do dia 2, onde morreu o "Baiano", jagunço de Mourad.

Mas as violências continuaram. No dia 9 o próprio Paulo Fontelles foi detido e interrogado por agentes do Jops, em Belém. "Considero" — disse ele na ocasião — "que este inquérito é uma violência contra as próximas eleições do Sindicato de Conceição. Uma violência moral, psicológica e profissional. Uma tentativa de impedir minha participação como advogado da Chapa 2 nas eleições". Grande número de advogados, a Comissão Pastoral da Terra e outras entidades manifestaram seu protesto contra a tortura dos agricultores e a prisão de Fontelles como "graves violações dos mais comecinhos direitos humanos".

(Da Sucursal de Belém)

A CAMPANHA ELEITORAL DA CHAPA 2

Só perdemos se roubarem

Newton Miranda, enviado especial da **Tribuna**, acompanhou pessoalmente a campanha da Chapa 2 para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição. Neste artigo ele relata o que viu nos povoados e matas do Araguaia, onde os posseiros garantem que "é preciso muita roubalheira, mas muita mesmo, pra gente perder".

A estrada Conceição-Xinguara está quase intransitável depois das primeiras chuvas, que este ano chegaram tarde mas fortes. Levamos quase dez horas sacudindo nos seus 200 quilômetros. Xinguara, uma cidade com menos de 5 anos e mais de 20 mil habitantes, é uma amostra de toda a região: nenhuma infraestrutura, nem sequer um posto de saúde.

Chegando lá, um primeiro problema: a Polícia Federal proibiu a reunião marcada na casa de Dona Videriana, da Chapa 2. "Vieram

três homens e me levaram na sede do GETAT — conta ela. — Lá o delegado me disse que só pode fazer reunião na sede do Sindicato". Mas a firme reação do pessoal da Chapa 2 consegue fazer suspender a proibição.

PARABÉNS PRA CHAPA 2

Em Xinguara, como em Rio Maria, Água Fria, Cachimbão e toda parte, a recepção à Chapa é uma festa. As refeições até parecem banquetes, os poetas e violeiros dedicam músicas à oposição. Na Boa Vontade todos cantaram "Parabéns a Você". E ninguém fazia anos... As reuniões juntam 50 e até 100 pessoas, inclusive muitas mulheres. Todos ouvem com atenção o que se fala sobre o Sindicato, a luta pela terra, o programa da Chapa. Apenas numa reunião, no Pau D'Arco, uma pessoa falou bem do atual presidente do Sindicato, Bertoldo (veja o box ao lado). Mas foi tão vaiado pelos cem presentes que saiu às pressas.

O GETAT (Grupo Especial de

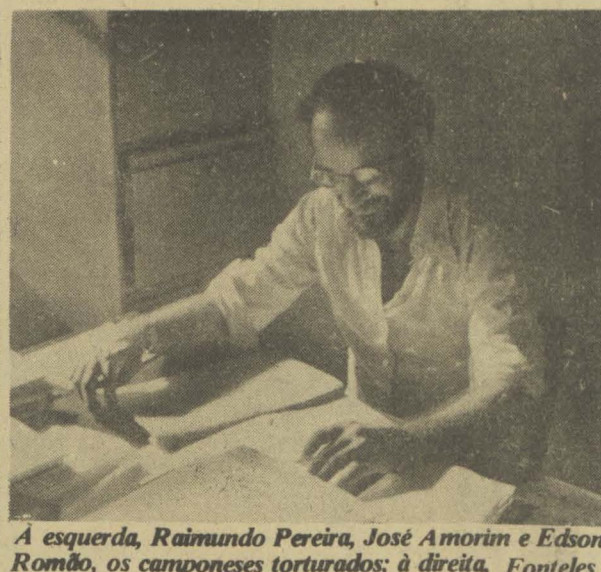
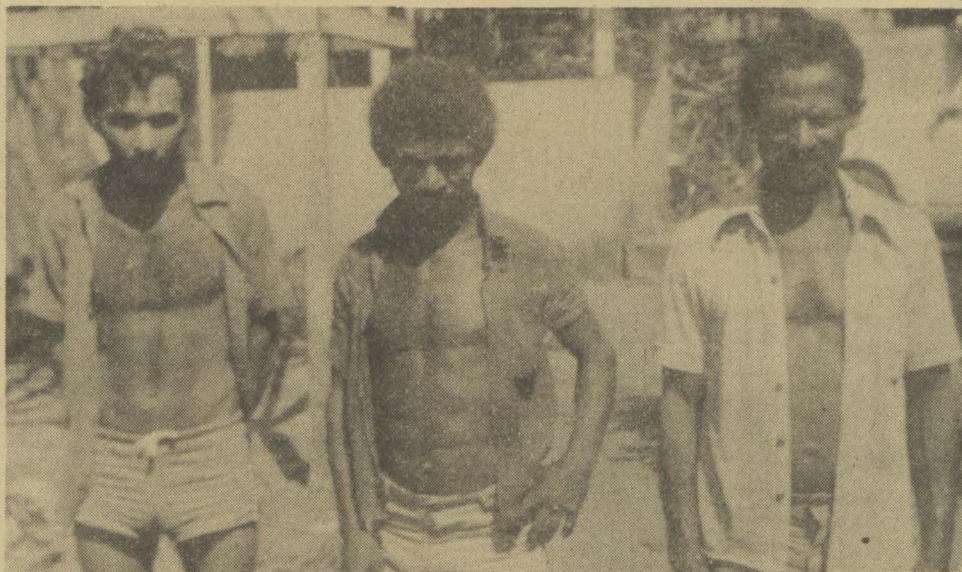
Terras do Araguaia-Tocantins) é que tem sido o maior cabo eleitoral do pelego nas eleições, marcadas para maio. Este órgão, diretamente ligado ao Conselho de Segurança Nacional, age como um tipo de supergoverno na região, mexendo tanto com terras como com saúde, educação e até abrindo estradas.

SÓ SAPO MORRE CALADO

Mas os posseiros olham o GETAT com desconfiança. No Baixo-Araguaia, até soltaram um cachorro com uma coleira escrita **GETAT**. Partiram para a luta, pela terra e também pelo Sindicato, "pois quem morre calado é sapo debaixo de pé de boi". Foi assim que conseguiram barrar a ação de muito grileiro e também vencer o primeiro escrutínio das eleições sindicais, em setembro passado. O GETAT então mudou de tática. Passou a prometer muitas terras e distribuiu alguns títulos. Enquanto isso, a Polícia Federal finalmente resolveu prender alguns pistoleiros, como "Pedro Paraná", que confessou 200 mortes, e "Zezinho da Condespar", com mais de cem mortes nas costas.

CARECA DE OUVIR PROMESSAS

A Chapa 2 considera isso como uma vitória dos posseiros. Mas acredita que com a sua eleição outras vitórias maiores ainda virão. Os lavradores querem, por exemplo, receber 100 hectares e não os 50 que o GETAT oferece. Querem terra boa e indenização no caso de remanejamento. A desconfiança em relação ao GETAT continua, pois, como disse-me um camponês, "de tanto ouvir promessa Santo Antônio ficou careca". E o programa da Chapa inclui até a luta pela Assembleia Constituinte, como ressalta o **Velho Doza**, um defensor entusiasmado da Chapa 2.



A esquerda, Raimundo Pereira, José Amorim e Edson Romão, os camponeses torturados; à direita, Fontelles

DEPOIMENTO EXCLUSIVO

O Sindicato está na mão de um grileiro!

Seu José, posseiro de Conceição do Araguaia, foi expulso da sua terra pelo próprio presidente do Sindicato! Aqui ele conta como foi.

Seu José Tomás de Souza, maranhense com mais de 60 anos, está no sul do Pará desde 1968. Seu depoimento é a prova viva de que o presidente do Sindicato de Conceição não passa de um grileiro.

"Em 10 de março de 1973 entrei numa terra na beira do Salobão, distante da Boa Sorte 18 quilômetros, que era do Estado. Depois entraram mais dez posseiros. Trabalhamos nessa terra de 1973 até o começo de 1978. Tudo calmo, sem nenhuma encrenca. No verão de 1976, apareceu na região o senhor de nome Bertoldo. Plantou quando muito uma linha de arroz. Depois abandonou e tudo virou um Jiquirãõ."

"CONVERSA MUITO FEIA"

"No começo de 1977 ele apareceu de novo, dessa vez com uma conversa muito diferente e feia. Dizia que a terra que nós estava era dele, que tinha 600 alqueires. Nós não aceitamos. Aí, durante todo o ano de 1977, foi uma perseguição das mais incríveis. Ameaçava nós, jurava que nos tirava da terra sem indenizar nada. Falou pra mim que era homem de apanhar a polícia e levar lá para fazer o despejo. Falou isso na minha cara."

"Outra vez ele e mais cinco homens foram na minha casa, tudo armado, dizer que nós tinha que sair da terra. Nós dissemos

que ao menos indenizasse a gente. Ele olhou pra mim e disse que não dava nada, que a terra era dele. Aí eu fui pra Conceição procurar o meu direito. O Dr. Giovanni e o Dr. advogado José Claudino acertaram dele me dar 15 mil cruzeiros. Aí eu desocupeí, obrigado mas desocupeí".

"PRESOS A MANDO DELE"

"Lá nessa terra tinha outros posseiros. Todos foram perseguidos. O Manoel Caiapó, o Serafim e o Manoel Torquati foram presos a mando do Bertoldo, no finzinho de 1977. Foram presos só de calção, por dois soldados da polícia. Foram levados pra Conceição e ficaram presos três dias."

"Hoje eu vivo na rua, doente, trabalhando pra um e pra outro. Naquele tempo tinha gente me dando 60 mil pela minha terra, eu nunca vendi. Era um dos lugares mais bonitos do mundo".

"UM FERROZ PERSEGUIDOR"

"Acho que um homem que apoiar o Bertoldo agora para continuar como presidente de nossa classe não tem nenhuma idéia. Por mim aquele homem é um feroz perseguidor dos posseiros. O que ele fez com nós não pode ser apoiado por ninguém. Ele é um grileiro dos mais terríveis que já apareceu nessa região".

A vitória está nas fábricas

Cerca de 800 trabalhadores, na maioria metalúrgicos, compareceram dia 10 ao lançamento oficial da Chapa 3, **União Metalúrgica**, na sede nova do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. "Lançamento oficial, porque desde há muito que nós estamos nas ruas e no interior das fábricas", explicou Aurélio Peres, que encabeça a Chapa.

Como bem ressaltou Seu Lourival, candidato da Aliperti, "aqui neste ato se encontra a nata da categoria, os metalúrgicos de luta. Daqui o pessoal sai animado pra dentro da empresa, sai propagandeando a nossa chapa. Não precisou dar churrasco (e nem tinhamos dinheiro pra isso) para o pessoal vir ao nosso ato. Esse é o pessoal bom de briga".

Chamado ao palanque como "o futuro presidente do nosso Sindicato", Aurélio foi muito aplaudido. Nas paredes da sede nova inúmeras faixas comprovavam a presença das grandes indústrias: Voith, Sofunge, Villares, Ford, Arno. Também foram, pela Zona Sul, o operário da MWM Luis Esteves; pela Leste e pelas mulheres metalúrgicas, Arleide Alves; pela Oeste, Adauto da Silva, já reconhecido como um líder da categoria; e pela Norte, Elísio Rocha, um experiente sindicalista, muito animado.

ORGANIZAR AS FÁBRICAS

Um veterano ativista, falando em nome dos aposentados, conclamou todos a propagandear a **União Metalúrgica**. "Cada companheiro tem que se tornar um soldado nesta luta para tirar o interventor do nosso Sindicato". Sua falação foi muito bem recebida, já que existe uma grande porcentagem de aposentados sindicalizados. Também dando apoio à Chapa 3 falaram um diretor do Sindicato dos Motoristas de São Paulo, o prefeito de Rio Grande da Serra, Arão Teixeira, e

um metalúrgico de Betim, em Minas, onde a chapa de oposição acaba de vencer nas urnas.

O lançamento serviu para dar impulso ainda maior à campanha. Mas, como ressaltou Aurélio, mostrou também o que ainda tem que ser feito. "Temos que construir inúmeros Comitês de Apoio a Chapa 3 em cada fábrica. Eles são a garantia de nossa vitória".

Como a Chapa **União Metalúrgica** começa a mostrar sua força, os patrões e o governo já partem para

reprimi-la. Na firma Cólmeia os chefões tentaram tirar a força da firma um membro da chapa, a combativa Arleide. Só que ela resistiu, com o apoio dos companheiros. No bairro de Parque Santa Madalena, dois metalúrgicos foram detidos por distribuírem folhetos da Chapa 3. Mas o povo cercou o camburão e um dos policiais, apavorado, afirmou: "Vamos embora que a coisa vai esquentar".

A cima, da esquerda para direita, Luis Esteves da MWM, a metalúrgica Lúcia, Aurélio, e o vice da Chapa 3, Elísio. Embaixo: uma platéia de operários.



ESTOU COM A CHAPA 3 E NÃO ABRO!

Tribuna Operária

"Apoio a candidatura do companheiro Aurélio a presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, reconhecendo nele um legítimo defensor da classe operária". Valdomiro B. Souza, presidente do Sindicato Trb Rurais de Jequié. "Finalmente, o reinado de Joaquim chegará ao fim. Desta vez a chapa União Metalúrgica conse-

guirá destronar um dos maiores pelegos do Brasil!" Secretário do Sind dos Bancários do Ceará.

"Os vereadores do PMDB de São Paulo manifestam publicamente o seu apoio à Chapa 3". Assinado: Altino Dima; Benedito Cintra; Romeu Rossi; Jorge Tomas de Lima; Milton Santos; e Avanir Duram Galhardo.

E duro mas é verdade

Se trabalhando a situação já é difícil, imagine ficar desempregado! É o que mais ouvimos nas fábricas em nossa campanha da **União Metalúrgica**. "Ninguém tem mais tranquilidade, todo mundo trabalha numa tensão de nervos", dizia-me um companheiro da Metal Leve. O fantasma do desemprego ronda a casa do operário.

Na porta da Volks, no Ipiranga, a única pergunta era se a redução da jornada de trabalho daria garantia no emprego. E é duro ter que responder aos companheiros que não dá garantia. Se o operário quiser se proteger terá que lutar muito, se organizar e conquistar a estabilidade roubada pelo regime militar depois de 1964.

Quem nunca passou pelo desemprego? Quem nunca teve medo de ser mandado embora? Esta é a vida da classe operária, sempre perseguida, sempre explorada. No capitalismo a vida



Conversa com Aurélio

do operário pouco vale. Serve apenas para produzir e dar lucro para o patrão.

Agora, a crise econômica está aí. Os capitalistas não estão satisfeitos com os negócios e procuram jogar tudo nas costas dos trabalhadores. Não podemos aceitar tal absurdo. Quem fez a crise que procure arcar com ela. Nós sempre defendemos a redução da jornada de trabalho, mas jamais podemos aceitar a redução dos nossos salários. O que ganhamos não dá nem para a alimentação. Por que não reduzem os lucros?

Nós, operários, vamos continuar lutando contra o monstro do desemprego, procurando a união e nos organizando. E haveremos de vencer, até chegar à vitória final da classe operária. E por isso que a **União Metalúrgica** luta por um sindicato forte e combativo para ser mais capaz de travar as lutas contra a exploração, os baixos salários, o desemprego e contra a ditadura.

